

V. 03, N.14 Mar./Abr. 2022

O “DIA DO ÍNDIO” E A APROPRIAÇÃO CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM AS PROFESSORAS?

“INDIAN’S DAY” AND CULTURAL APPROPRIATION IN CHILD’S EDUCATION: WHAT TEACHERS THINK ABOUT IT?

EL “DÍA DEL INDIO” Y LA APROPIACIÓN CULTURAL EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: ¿QUÉ PIENSAN LOS DOCENTES?

1

Hyonara Gomes Beltrão

Universidade Estadual de Goiás

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-9945-3904>

Érico Ricard Lima Cavalcante Mota

Universidade Estadual de Goiás

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-4360-3923>

Fernanda Rocha Bomfim

Universidade Estadual de Goiás

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-7233-1373>

Resumo: Nas décadas de 2010 e 2020, ganhou destaque o movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam ou Vidas Negras Contam), nascido do protesto contra a quantidade de agressões e mortes de pessoas negras por policiais, e que despertou a reflexão de ativistas internacionais, diante da exigência de sociedade de uma discussão e posicionamento diante desta questão social. Isso tornou necessário também o conhecimento de como são abordadas as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Partindo do pressuposto de que a educação antirracista não ocorre como deveria, esse artigo tem como objetivo realizar uma pesquisa abordando questões relativas à representatividade étnica no currículo da escola, desde a data adotada – “Dia do Índio” em 19 de abril – até sua análise na Educação Infantil, por meio de uma entrevista com professoras, a fim de concluir se a data é uma homenagem ou uma apropriação cultural. Como método de pesquisa, optou-se por uma pesquisa qualitativa aplicando um questionário, por estarmos em contexto pandêmico, e ainda conseguir um contato direto com o sujeito do estudo: as professoras no contexto da sala de aula em CMEIs do município de Jussara-GO. O foco do questionário é o modo como esse assunto é explanado em sala de aula pelas docentes, sendo este, portanto, estruturado. Tendo em vista que a representação do indígena, que mesmo em pleno século XXI se dá de forma estereotipada, e as formas em que buscam homenageá-los na data em questão (e em situações cotidianas), que é carregada de apropriação cultural, como resultado é esperado, além de uma reflexão, a mudança na concepção de ensino nas salas de Educação Infantil acerca de questões que abordem a cultura dos povos originários. Para o embasamento teórico do estudo, conta-se com os trabalhos de Hall (2016), William (2017), Alves e Beltrão (2021), entre outros.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; apropriação cultural; estereótipos; indígenas; professoras.

Abstract: In the 2010s and 2020s, the Black Lives Matter movement (Black Lives Matter or Black Lives Count) gained prominence, born from the protest against the amount of aggression and deaths of black people by police, and which aroused the reflection of international activists, in the face of society's demand for a discussion and position on this social issue. This also made it necessary to know how ethnic-racial relations are approached in Elementary School. Assuming that anti-racist education does not occur as it should, this article aims to carry out a research addressing issues related to ethnic representation in the school curriculum, from the date adopted - "Indian Day" on April 19 - to its analysis in Elementary School, through an interview with teachers, in order to conclude if the date is a tribute or a cultural appropriation. As a research method, we chose if by a qualitative research to apply a questionnaire, as we are still in a pandemic context, and still get direct contact with the subject of the study: the teachers in the context of the classroom in CMEIs in the municipality of Jussara-GO. The focus of the questionnaire is the way in which this subject is explained in the classroom by the teachers, which is, therefore, structured. Considering that the representation of the indigenous, which even in the 21st century is stereotyped, and the ways in which they seek to honor them on the date in question (and in everyday situations), which is loaded with cultural appropriation, as a result it is expected, in addition to a reflection, the change in the teaching conception in the Elementary School about issues that address the culture of native peoples. For the theoretical basis of the study, there are works by Hall (2016), William (2017), Alves and Beltrão (2021), among others.

Key words: Ethnic-racial relations; cultural appropriation; stereotypes; indigenous peoples; teachers.

Resumen: En las décadas de 2010 y 2020 cobró protagonismo el movimiento Black Lives Matter (Black Lives Matter o Black Lives Count), nacido de la protesta contra la cantidad de agresiones y muertes de personas negras por parte de la policía, y que suscitó la reflexión de activistas internacionales, en frente a la demanda de la sociedad por una discusión y posicionamiento sobre este tema social. Esto también hizo necesario conocer cómo se abordan las relaciones étnico-raciales en la Educación Infantil. Asumiendo que la educación antirracista no se da como debería, este artículo tiene como objetivo realizar una investigación que aborde cuestiones relacionadas con la representación étnica en el currículo escolar, desde la fecha adoptada - "Día del Indio" el 19 de abril - hasta su análisis en Educación Infantil, a través de una entrevista a docentes, con el fin de concluir si la fecha es un homenaje o una apropiación cultural. Como método de investigación se optó por una investigación cualitativa, aplicando un cuestionario, debido a que nos encontramos en un contexto de pandemia, y aún tenemos contacto directo con el sujeto de estudio: los docentes en el contexto del aula en los CMEI del municipio de Jussara. - VAMOS. El foco del cuestionario es la forma en que los profesores explican este tema en el aula, por lo que está estructurado. Considerando que la representación de lo indígena, que aún en pleno siglo XXI es estereotipada, y las formas en que se busca homenajearlo en la fecha en cuestión (y en situaciones cotidianas), que está cargada de apropiación cultural, en consecuencia Se espera, además de una reflexión, el cambio en la concepción docente en las aulas de Educación Infantil sobre temas que abordan la cultura de los pueblos originarios. Para la base teórica

del estudio, se cuenta con el trabajo de Hall (2016), William (2017), Alves y Beltrão (2021), entre otros.

Palabras-clave: Relaciones étnico-raciales; apropiación cultural; estereotipos; Pueblos indígenas; maestros.

Introdução

Ao centrar o olhar na Educação Infantil, é notório que as relações étnico-raciais não têm sido enfatizado e tampouco houve a devida instrução acerca de questões pertinentes, como a de apropriação cultural. No “Dia do Índio”, por exemplo, é cobrado das alunas (não-indígenas) que usem cocar, confeccionem flechas e até mesmo reproduzam o grito indígena. São situações que expressam significado para os representantes dessa cultura, e quando a aluna faz uso de tais adereços, que não fazem parte de sua identidade, isso acarreta em um novo significado para sua essência original, mesmo não sendo intencional. À vista disso, o presente artigo visa problematizar o que pensam as professoras no momento em que, em suas aulas destinadas ao “Dia do Índio”, abordam práticas como pintar o rosto das crianças; pedir para que cada criança se fantasie com vestimentas conhecidas como “roupa de saco”; façam danças consideradas indígenas; e, assim, desenvolvem a prática pedagógica. Tendo como sujeitos as professoras de Educação Infantil do Agrupamento “E” dos CMEIs, o objetivo da pesquisa, além de coletar dados através do questionário com as docentes, é conscientizá-las sobre a forma adotada como comemoração, a fim de concluir se é uma homenagem ou apropriação cultural. Sendo que, a apropriação cultural é quando o grupo dominante empossa da cultura de um grupo dominante fazendo com que os significados sejam esvaziados.

O que motivou essa pesquisa, além de ser um fato social, foi também a análise da vida pessoal. Peço licença ao leitor para utilizar a primeira pessoa do singular na introdução a fim de relatar a justificativa particular, a qual contribuiu ainda mais para o interesse em realizar tal estudo. Há em minha família paterna a presença de ancestralidade indígena e a benção dessa narrativa histórica e afetiva gerou uma curiosidade a respeito dessa linhagem. Em meio aos 13 filhos de minha bisavó, apenas uma filha carrega os traços originários. A minha tia-avó, recentemente artista plástica, retrata em suas obras o real significado que cada momento presente nas artes simbolizadas aos indígenas, e ao conversar com ela foram levantados questionamentos sobre situações em que as pessoas realizam ações de forma estereotipada ou se apropriando da cultura dos povos originários.

Segue abaixo a imagem em que minha tia-avó está realizando a pintura de uma de suas obras sobre os povos originários.



Figura 1 – Inspiração indígena através da arte plástica da tia-avó

Fonte: Arquivo familiar.

Ainda sob o uso da primeira pessoa, justifico a razão pela qual optei por tratar nessa pesquisa todos os sujeitos no feminino. Há uma predominância patriarcal na sociedade e isso se vê presente também na escrita. Como a

língua e a sociedade possuem relação, a primeira, pode representar um elemento simbólico ao construir identidades de gênero. Assim sendo, não vejo razão em entrevistar 10 professoras e um professor e no momento de transcrição para o artigo ter que mencionar “eles”, principalmente por soar discriminatório, sendo que há apenas um homem em meio a tantas mulheres.

Essa pesquisa tem como objetivo desenvolver pontos reflexivos no leitor e principalmente nas entrevistadas, até que repensem as formas de transmissão de ensinamentos em datas comemorativas, como no caso do “Dia do Índio”. Através de indagações, permitir que as professoras conquistem os conhecimentos necessários para a compreensão de que a forma como é passado tal dia não é considerada respeitosa com a cultura. Foi realizado um questionário utilizando o Google Forms, objetivando informações acerca da problemática, na busca de ajudar a compreender o processo de ensino na Educação Infantil durante a data em questão, contando com um roteiro já estabelecido, a fim de nortear as docentes. Houve o levantamento de questões durante o questionário: você conhece a expressão “apropriação cultural”? O que você entende quando se fala em apropriação cultural? Quais são as práticas pedagógicas usualmente utilizadas para a comemoração do Dia do Índio? Você acredita que pedir que os alunos usem cocar, confeccionem flechas e até mesmo reproduzam o “grito indígena”, seja apropriação cultural? Justifique.

Tendo em vista o cenário atual de pandemia, optou-se por realizar as entrevistas com as professoras de Educação Infantil na cidade de Jussara-GO através do formulário do Google. Foi realizada de forma que haja melhor direcionamento ao que é esperado obter, sendo então uma entrevista estruturada, permitindo um diálogo mais natural ao permitir que estas justifiquem suas respostas, sendo também mais didático. Em relação ao grupo docente, foram escolhidas as que lecionam no agrupamento E, devido a indicação do Dcgo de optar pela idade de 4 a 5 anos pela facilidade de discussão e diálogo de ensinamentos sobre o respeito às culturas.

Revisão de literatura

Após a busca na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online), obteve-se a ausência de artigos para os descritores “Dia do Índio” e “apropriação cultural”. Alterando-os para “apropriação cultural indígena” sem filtros, obtêm-se cinco resultados, porém nenhum condizente com a finalidade do artigo em questão e ao acrescentar os filtros de ano de publicação (com ênfase a partir de 2003), não há documentos disponíveis. Ao dirigir a pesquisa ao portal BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) com os mesmos descritores, para o primeiro há inexistência de documentos, e para o segundo há resultados, mas não condizem com o intuito da pesquisa.

Portanto, através das inquietações provocadas pela ausência de trabalhos com a temática e mediante estudo do livro *Apropriação cultural*, de Rodney William (2017), pôde-se considerar como sendo um tema recente e que, em seus primeiros aparecimentos, o termo condizia com seu significado atual, porém não era conhecido com a mesma nomenclatura a que se tem conhecimento na contemporaneidade. William justifica o termo recente trazendo em seu livro uma investigação genealógica proposta pelo professor e pesquisador Thomas Conti (2017), o qual realizou uma pesquisa detalhada mostrando a trajetória desde 1960, através de ferramentas atuais como o Google. Assim, Conti contribuiu para a compreensão de que o termo em questão é considerado recente, sendo reconhecido apenas no início de 1980, uma vez que, antes de 1990, o termo ainda não era usado com o mesmo sentido que atualmente.

Através da pesquisa realizada por Thomas Conti (2017), nota-se a trajetória histórica do nascimento da ideia de apropriação cultural. É algo novo no Brasil, havendo poucas pesquisas a respeito. Assim sendo, as buscas pelo termo eram realizadas com mais frequência na língua inglesa. O conceito é de um uso muito recente, e é notório que até os anos 80 ainda não

era debatido, e a partir da segunda metade da década, a ideia aparece em mais textos.

Um dos motivos de aumento de interesse foi por razões de polêmicas envolvendo artistas. Os primeiros textos mencionados no decorrer dos anos foram no sentido cultural, no quesito competência artística (1968), e elementos culturais quanto à competência ou capital social indispensável para poder executar funções de classe a uma dada profissão (1980). Já em 1986 se aproximou mais do contemporâneo quando discute a linguagem e o poder da tensão entre os colonizadores e colonizados, mas é somente a partir de 1992 que as discussões abrangem o/a indígena, nacionalismo e afins.

A história do termo permite compreender sua existência, mesmo que fora do contexto atual. No decorrer dos anos em que houve menção à apropriação cultural, percebia-se a forma diferente em tratar um mesmo objeto cultural, ou seja, o objeto era o mesmo, mas a forma de descrever era diferente. E, com o tempo, foi se assemelhando e se aproximando do sentido contemporâneo. No desenvolvimento de sua pesquisa, Conti (2017) caminhou desde 1960 até 1992, sendo o último, quando finalmente atinge o significado contemporâneo, primeiramente em países de língua inglesa, como Canadá e Austrália para, então, chegar ao Brasil.

Dia do Índio: contexto histórico, estereótipo e representação

No dia 19 de abril de 1940 ocorreu no México o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, do qual vários governantes participaram, inclusive os líderes indígenas de várias regiões da América. Na oportunidade houve uma discussão acerca da conjuntura indígena após séculos de colonização, com o intuito de proteger os indígenas em seu território. Segundo Fernandes(2021) durante o Congresso, os povos originários estavam inseguros quanto à sua real participação nas reuniões, o que não é surpresa, já que sofreram agressões e foram perseguidos durante tanto tempo pelos “homens brancos”. Somente no dia 19 de abril decidiram realmente aparecer e

participar do congresso, e assim justificou-se a escolha de tal data para a celebração do Dia do Índio (FERNANDES, 2021).

Através deste, medidas foram tomadas para a defesa dos indígenas, tais como: respeitar a igualdade de direitos e oportunidades para todos os grupos da população da América; adotar o indianismo como uma política de Estado; estipular o Dia do Aborígene Americano como sendo em 19 de abril, entre outras (BBC NEWS, 2018). Ao direcionar o olhar para a consideração dessa data no Brasil, compreende-se esta como um ato político, como afirmam Alves e Beltrão (2021), da presidência de Getúlio Vargas e sua política do Estado Novo, que já contava com uma grande influência do Marechal Rondon (bisneto de indígenas), de sertanejos e conhecedores de comunidades indígenas. Após o Congresso no México em 1940, o presidente do Brasil decretou uma lei no dia 02 de junho de 1943, a Lei Nº 5.540, alegando que adotou a data em questão. O fato de o país não aceitar as resoluções do Congresso, fez com que a adoção da data fosse tardia (BBC NEWS, 2018).

Essa data deve ser lembrada com base na reflexão sobre como é importante preservar os povos indígenas, cuidar de suas terras e o mais importante: respeitar as suas expressões culturais. Para o respeito à cultura do/a outro/a, é necessário entendê-la, e para isso há a representação. De acordo com Stuart Hall (2016, p. 31), em seu livro *Cultura e representação*, “o conceito de representação passou a ocupar um novo e importante lugar no estudo da cultura. [...] A representação conecta o sentido e a linguagem à cultura”. Compreende-se a importância da representação no processo de significados desenvolvidos e partilhados envolvendo os componentes de uma cultura. Assim, a representação é uma criação de significado pela linguagem, uma vez que é por meio dela que se dá sentido às coisas. De acordo com o dicionário online de Português, a origem da palavra deriva do latim “repraesentatio” significando representação, retrato, imagem. É representar, mostrar com clareza, uma ideia que se cria de alguma coisa ou do mundo.

Hall (2016) permite um entendimento sobre representação através da análise de seu conceito, motivado pela investigação acerca da forma de

como construir o significado. Para ele, há três teorias que permitem discutir a representação: a reflexiva, a intencional e a construtivista. Através da primeira, a linguagem age como um espelho que permite refletir o real significado que já existe no mundo; com a segunda, quem fala estabelece através da linguagem, o significado; e com a terceira e última, a linguagem é tida como produto social, em que seus significados se constroem por meio dos sistemas de representação. As representações implicam sobre as identidades, uma vez que a identidade está relacionada em como é representada e de que forma essa representação afeta o indivíduo.

No Dia do Índio, deveria haver uma representação de um povo, levando em conta como ele realmente é, valorizando sua cultura e sua luta até se tornarem como são na atualidade, sujeitos ativos na busca de participação social e, principalmente, ampliar a concepção das crianças no requisito cultural, proporcionando conhecimentos sobre a história e a diversidade presente nos povos indígenas. O que está enraizado são alguns estereótipos (segundo Daniela Diana é um conceito de imagem que é atribuída às pessoas ou grupos, sendo geralmente de maneira preconceituosa e sem fundamentação teórica) que apenas reforçam atitudes com caráter preconceituoso, práticas que acabam fugindo do contexto e limitando o que deveria gerar conhecimento, a inferiorização desses povos ao pintar e enfeitar os alunos, mesmo que com boas intenções (COSTA, 2018).

Diante do exposto, é possível discernir essa data não como uma representação, mas sim como um estereótipo. Há uma visão de que o indígena é aquele que só pesca, caça, e que deve estar sempre nu. Criam-se estereótipos embasados em como foi no ano de 1500 quando houve o primeiro contato dos portugueses com os povos originários e neste dia destinado à “reparação” do que lhes foi feito: os professores pintam o rosto das crianças, fazem arcos e flechas, usam poucas roupas (confeccionadas com saco), confeccionam lanças e, qualquer que seja a visão deste povo, diferente do que foi ensinado, isso significa que perderam sua identidade

cultural. É ensinado nas escolas que os povos originários sempre foram afastados da civilização e que viviam no meio da natureza, sem instrução, considerados de forma negativa como incapazes, não “civilizados”, enquanto atualmente eles já buscam escolarização e tendem a defender sua própria cultura e sua identidade (VIEIRA, 2019).

As autoras Bergamaschi e Gomes (2012) realizaram uma pesquisa em duas escolas públicas de Ensino Fundamental de Porto Alegre, com alunos e professores. Com essa pesquisa foi possível observar como as crianças veem os indígenas, sendo de forma estereotipada. Após analisarem seus desenhos, observaram situações repetitivas, em que os povos originários se encontravam nus, com pinturas e “soltos” na natureza. Quanto aos professores, ao serem questionados, criticaram o livro didático e reclamaram do acervo que lhes fora ofertado, apontando que o ensino é escasso, e por isso não conseguem apresentar aos alunos a vida indígena atual.

Em virtude disso, nos demais dias do ano, esquece-se do indígena e de toda a valorização que sempre buscaram. De acordo com a RBA – Rede Brasil Atual (2021), o Brasil foi, pela primeira vez, alertado pela ONU (Organização das Nações Unidas) do “risco de genocídio” indígena durante o governo do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. Na fala da conselheira especial da ONU, Alice Wairimu Nderitu, foram apresentadas situações em que é notório o descaso com a população indígena, inclusive o fato do próprio presidente aguçar a violência contra os povos tradicionais e originários, reduzir a fiscalização dos crimes ambientais na Amazônia e esquivar-se da punição. O agravamento da situação de desprezo pela proteção indígena chegou ao ponto de cientistas divulgarem uma carta de manifesto, em 2021, na qual apontaram que tal problema ocorre desde 2019, antes da pandemia de COVID-19, e que até o momento, em 2021, o aumento de mortes indígenas é visível, incluindo o dano na Amazônia. Além do mais, foram listadas as violações dos direitos dos povos originários durante o atual governo, incluindo a negligência na pandemia, que afetou todo o povo brasileiro.

Diante das circunstâncias atuais, em que estão ocorrendo inúmeras situações de descaso aos direitos indígenas, é possível apontar que este não é um assunto que tem sido abordado em sala de aula. O ambiente escolar é fundamental para a criticidade do sujeito, e as autoras Bergamaschi e Gomes (2012) remetem à reflexão ao docente em questioná-lo sobre como tem sido abordada a temática indígena no ambiente escolar, enfatizando leis, como a lei federal nº 11.645/2008, a qual trata como prioridade ensinar a história e cultura indígena durante o Ensino Fundamental e Médio do país, permitindo que as populações indígenas possam ser protagonistas desde o passado até o período atual. Ainda que, a lei existe porém não há garantias de que os professores tenham os meios necessários para essa educação e que esse ensino de fato aconteça.

No tópico seguinte, há a discussão a respeito do conceito de apropriação cultural. Assim, serão apresentados os seus conceitos, de acordo com autores conceituados como Rodney William (2017). Em sequência, haverá a sua exemplificação, conforme situações contemporâneas, e a ênfase sobre sua importância e, principalmente, sua relação com os povos indígenas e como isso os tem afetados.

Abordagens teóricas sobre apropriação cultural

De acordo com Rodney William (2017, p. 48), “tornar os componentes culturais negros ou indígenas palatáveis é uma estratégia de racismo e isso reitera que o debate sobre apropriação é necessário e deve ser conduzido com seriedade”. Dessa forma, seu debate se torna indispensável, visto que, por vezes, é considerado como algo banal. A apropriação cultural ultrapassa questões como “o que pode ou não ser usado”, para situações mais críticas e significativas. Sendo assim, apropriação é quando o grupo dominante, através do mecanismo de opressão, empossa de uma cultura inferiorizada de forma que suas tradições, seus costumes e demais elementos percam os seus significados. Segundo o autor, tal atitude visa apagar o poder desse grupo,

roubando a sua humanidade, impulsionando o seu aniquilamento, tornando assim, um “genocídio simbólico” ao correr o risco de desaparecimento de um grupo étnico.

A apropriação pode ser percebida na sociedade em situações cada vez mais frequentes, como tem sido recentemente com atores, atrizes, entre outros, se apropriando da cultura indígena, negra, japonesa, de forma que além de desvalorizar a cultura, permite resultar em estereótipos e atitudes preconceituosas. Na indústria da moda, Carolina Herrera, em sua coleção resort de 2020, criou peças as quais reproduziam elementos dos povos indígenas nativos do México sem nenhuma menção à sua inspiração ou a parceria com a comunidade em questão, expôs sua cultura sem consentimento. A secretária da Cultura do México enviou uma carta à marca, na qual reclamava e pedia uma explicação pública dos motivos pelos quais a estilista usou os elementos culturais indígenas e como isso traria benefício para as comunidades mexicanas. Foi mencionado ainda o quão surpreendente o caso foi, por haver situações em que a marca em 2015 colaborou com a comunidade indígena em uma coleção de bolsas e em 2020 realiza a apropriação cultural desse modo sem “compensação econômica” (FONTES, 2019).

No Brasil, uma das maiores situações em que há apropriação cultural é durante o carnaval. Nessa época, a cultura indígena e outras são usadas como fantasias. Enquanto alguns pensam ser uma homenagem, na verdade são formas de reforçar atitudes hostis, as quais as comunidades indígena e negra, por exemplo, buscam combater. Segundo Esmeralda Santos (2020), as fantasias indígenas são conhecidas como Red Face ou Indian Face, que consiste em pintar de vermelho a pele ou escurecê-la, além de fazer uso das penas, cocar, entre outros adereços que supostamente representam essa cultura. Tais atitudes só permitem que se reforcem os estereótipos coloniais, racistas e etnocidas de que a indígena, extremamente sexualizada, por estar nua, é fácil e pode ser tocada (o que remete ao abuso sexual das mulheres indígenas). O homem, além da sexualização, há comparação com os animais

quanto a ser selvagem e ignorante, sendo que, quanto mais “bruto” estiver em suas fantasias, mais parecido o indígena fica.

A representação vê importância nos significados e como isso envolve determinada cultura. Assim, implica nas identidades e em como são representadas, e como tal representação afetará o indivíduo (HALL, 2016). Como destaca William (2017), a apropriação cultural refere-se ao grupo dominante se apossar da cultura do grupo inferior de forma que se percam os signos de luta e sua cultura, sendo esvaziados. Diante disso, há uma diferença evidente nesses dois conceitos. Em contrapartida, há também uma semelhança: tem-se a necessidade de seu entendimento, uma vez que ao se apropriar da cultura do outro (como ocorre principalmente no Dia do Índio) sem o intuito de tal (aquele que se apropria não sabe o conceito do que está fazendo), o membro do grupo dominante mostra desconhecimento do assunto e entende a situação como uma homenagem, uma representação. Surge, assim, a necessidade de conhecer melhor os termos em questão.

Percebe-se que a presença da apropriação cultural no espaço escolar é propagada com músicas, brincadeiras, atividades de outras culturas, desfazendo de seu significado. Segundo Alves e Beltrão (2021), o Dia do Índio, 19 de abril, é tradicionalmente comemorado nas escolas com a música da cantora, apresentadora de televisão e atriz Xuxa Meneghel (canção “Brincar de Índio”). As crianças com os rostos pintados, cocar na cabeça e “vestimentas indígenas”, cantando versos como “Índio fazer barulho/Índio ter seu orgulho/Vem pintar a pele para a dança começar” e “Pego meu arco e flecha/Minha canoa e vou pescar”, trechos os quais remetem à apropriação cultural e à estereotipização.

No videoclipe do “Xou da Xuxa”, do ano de 1989, Xuxa leva ao palco os povos originários para “homenageá-los”. Porém, suas feições falam por si. É notória a infelicidade desse povo e como se sentiram nada representados com a música dela, não entendendo o que de fato ela propunha. Anos mais tarde, a apresentadora e cantora infantil reconheceu que o que apresentava

em sua música era a apropriação cultural, enfatizando a importância de se mencionar e estudar esse conceito (ALVES; BELTRÃO, 2021).

Diante disso, observa-se que o Dia do Índio vem sendo abordado na atualidade como apropriação cultural, ao invés de ser uma representação, algo que de fato acrescente na vida das alunas, transmita os reais significados e valorizem de forma respeitosa a cultura do outro, uma vez que é cobrado das alunas (não indígenas) que usem cocar, confeccionem flechas e até mesmo reproduzam o “grito indígena”. Nota-se que com o passar dos anos a homenagem não muda, comemora-se da mesma forma, é notório que as relações étnico-raciais não têm tido a ênfase e muito menos a devida instrução acerca de questões pertinentes como a de apropriação cultural. São situações as quais expressam significado para os representantes dessa cultura e, para Alves e Beltrão (2021), quando o aluno faz uso de tais adereços que não fazem parte de sua identidade, isso acarreta um novo significado, mesmo não sendo intencional, de sua essência original.

A seguir, apresenta-se elementos a respeito da pesquisa de campo e os resultados obtidos a partir da entrevista realizada com as professoras de Educação Infantil, do agrupamento “E” do CMEI. Assim, será abordada a visão docente sobre a apropriação cultural indígena.

A apropriação cultural indígena sob a perspectiva docente

Após a compreensão de que o indígena ainda é visto pela sociedade como um selvagem, e que a apropriação de suas culturas é frequente, volta-se o olhar para o Dia do Índio e como este tem sido abordado nas escolas de forma estereotipada e como uma apropriação cultural. Levanta-se então a reflexão de que o método utilizado nas abordagens sobre as relações étnico-raciais no âmbito escolar deve ser repensado.

Em vista disso, serão direcionados tais apontamentos para as professoras de Educação Infantil do município de Jussara que lecionam no agrupamento E dos CMEIs. Foi realizado um questionário no qual havia perguntas para as

docentes a fim de compreender suas perspectivas acerca da apropriação cultural indígena que se vê presente nas escolas na data em questão. Com isso, busca-se certificar se elas estão conscientes de contribuírem com a apropriação ou se não é algo de seu conhecimento. Visando obter resultados para a problemática em questão, o questionário ficou aparentemente claro e objetivo. Devido ao cenário atual de pandemia, foi realizado pelo Google Forms.

Na pesquisa realizada, foi possível perceber que as professoras não conhecem o termo “apropriação cultural” e que o entendimento delas sobre o assunto é insuficiente. Ao analisar o questionário observou-se que, na maioria das respostas, apenas deduziram o que seria o termo, sem afirmar com precisão e convicção. Deduzem ser algo relacionado com a cultura de cada indivíduo e com isso sugeriram que durante a comemoração do Dia do Índio deveria haver a valorização da cultura de cada grupo.

O primeiro questionamento às docentes foi sobre o conhecimento da expressão “apropriação cultural” algumas alegaram desconhecer e por dedução disseram ser algo relacionado à cultura de cada indivíduo enquanto outras afirmaram conhecer. Quando questionadas sobre a prática pedagógica utilizada para a comemoração do Dia do Índio, algumas afirmaram que mantêm as práticas tradicionais, com confecções de cocar enquanto outras costumam valorizar a cultura de cada pessoa, por meio de vídeos e imagens e com isso trazer uma conscientização a todos de que na sociedade em que vivemos há culturas diferentes. Assim, ao finalizar o questionário foi levantado a seguinte reflexão: “Você acredita que pedir que os alunos usem cocar, confeccionem flechas e até mesmo reproduzam o ‘grito indígena’, seja apropriação cultural? Justifique.” E como resposta algumas alegaram que em parte sim, quanto outras responderam que não, e que como pedagogas devem mostrar os vários tipos de cultura, para além de viver e valorizar a própria cultura.

Mediante a pesquisa analisada e devido ao desconhecimento por parte das professoras, pode-se inferir que a data em questão tem sido sim

abordada nos CMEIs em forma de apropriação cultural, principalmente por não haver um direcionamento específico para a cultura indígena e as professoras não saberem como se deve agir. Esperava-se obter respostas mais voltadas aos povos originários e sua valorização cultural, no intuito de compreender como consideravam suas práticas pedagógicas aliadas à sua cultura. Seus conhecimentos insuficientes permitem voltar o olhar para a qualificação docente e sua preparação para lidar com as relações étnico-raciais e, com isso, salienta-se a importância do estudo voltado a essas questões.

Considerações finais

Esta pesquisa levantou algumas inquietações e reflexões tanto no leitor quanto nas docentes entrevistadas de forma a contribuir com as questões étnico-raciais voltadas para os CMEIs de Jussara-GO, permitindo que sejam repensados os ensinamentos nas datas comemorativas, especificamente na data em questão Dia do Índio. Dessa forma, instigar as docentes a buscarem aprimorar seus conhecimentos e estarem cada vez mais aptas no assunto da apropriação cultural, e com isso contribuir com uma educação sem estereótipos e livre de preconceitos. Nesse sentido, pretendemos também contribuir para futuras pesquisas, mais aprofundadas, quanto às questões étnico-raciais e a apropriação cultural.

Busca-se também incentivar um olhar mais crítico ao se tratar de datas comemorativas, e a forma com que são abordadas em sala de aula, principalmente quando há envolvimento de outras culturas, sejam estas correspondentes aos afrodescendentes, japoneses, indígenas, entre outros povos. É primordial que haja uma formação de um indivíduo que conheça sobre as diferenças culturais e saiba valorizá-las e respeitá-las, da mesma forma que faz com a própria cultura.

Em síntese, este artigo busca exercer a criticidade, reflexão e autoanálise da docente e daqueles que o forem ler fornecendo apontamentos sobre as relações étnico-raciais e em como são abordadas/trabalhadas em sala de aula pelas professoras e, assim, assimiladas pelos discentes. Dessa forma, espera-se que as datas comemorativas não passem despercebidas e possam contribuir para que o indivíduo as comemore de forma significativa e memorável, não sendo estereotipadas.

Referências

ALENCAR, D. P. de et al. A língua é machista? Reflexões sobre questões de gênero nos estudos gramaticais de Língua Portuguesa. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/coneil/2020/TRABALHO_COMPLETO_EV144_MD1_SA3_ID58025102020100531.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

ALVES, S.O.; BELTRÃO, M.E. “Vamos brincar de Índio”: BNCC e apropriação indígena nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: TELES, Tayson Ribeiro (Org). **Lingua(gens), literaturas, culturas, identidades e direitos indígenas: análises, reflexões e Perspectivas**. Curitiba-PR: Bagai, 2021.

BERGAMASCHI, M.A.; GOMES, L.B. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 53-69, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1/articles/bergamaschi-gomes.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BRASIL. Por que 19 de Abril Virou o Dia do Índio. In: **BBC News**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43831319#:~:text=O%20dia%2019%20de%20abril,proteger%20os%20%C3%ADndios%20no%20territ%C3%B3rio>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BRASIL. Proposta Antirracista Engaja Gestores, Professores e Alunos da EMEF Coronel Luiz Tenório Brito. Sinesp, 30/11/2020. Disponível em:

<https://www.sinesp.org.br/noticias/aconteceu-no-sinesp/11133-formacao-antirracista-engaja-gestores-e-professores-da-emef-coronel-luiz-tenorio-brito>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CONTI, T. Apropriação cultural: uma história bibliográfica. In: **Thomas V. Conti**, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://thomasvconti.com.br/tag/apropriacao-cultural/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

COSTA, H. de. O “Dia do Índio”: estereótipos indígenas e mercado de trabalho. Instituto Identidades do Brasil. 2018. Disponível em: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/o-dia-do-indio-estereotipos-indigenas-e-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

DIANA, Daniela. Estereótipo. In: **Toda Matéria**. Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/estereotipo/> >. Acesso em: 16 mar. 2022.

ESTEVÃO, I.M. Governo mexicano acusa Carolina Herrera de apropriação cultural. In: **Metrópolis**, 13/06/2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/governo-mexicano-acusa-carolina-herrera-de-apropriacao-cultural#:~:text=A%20secret%C3%A1ria%20de%20Cultura%20do,identidade%20dos%20povos%20ind%C3%ADgenas%20mexicanos&text=A%20grife%20Carolina%20Herrera%20foi,ind%C3%ADgenas%20na%20cole%C3%A7%C3%A3o%20Resort%202020>. Acesso em: 01 ago. 2020.

FERNANDES, C. 19 de Abril — Dia do Índio. In: **Brasil Escola**. 19/04/2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/19-abril-dia-Indio.htm>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FONTES, F. Apropriação cultural na moda. In: **Z Magazine**, 2019. Disponível em: <https://zmagazine.com.br/apropriacao-cultural-na-moda/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

REDAÇÃO RBA. Brasil é citado na ONU por ‘risco de genocídio’ indígena. In: **RBA**, 2021. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/06/brasil-citado-onu-risco-genocidio-indigena/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

REZENDE, M. de O. Apropriação cultural. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/apropriacao-cultural.htm>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SANTOS, D.V.C. dos. Acerca do conceito de representação. In: **Rth, [S.l.]**. v. 6, n. 2, p. 27-53, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acesso em: 15 jul. 2021.

19

SANTOS, E. Entenda por que ninguém deveria se “fantasiar” de negro ou de índio. In: **Revista Cláudia**, 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/entenda-por-que-ninguem-deveria-se-fantasiar-de-negro-ou-de-indio/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

VALERY, G. Cientistas denunciam genocídio indígena, enquanto devastação na Amazônia é a maior em 10 anos. In: **RBA**, 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2021/07/cientistas-denunciam-genocidio-indigena-devastacao-amazonia-maior-em-10-anos/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

VIEIRA, B.M. Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio: ‘Não precisamos de outras pessoas para nos definirem’. In: **G1**, 19/04/2019. SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contras-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2021.

WILLIAM, R. Apropriação cultural. In: RIBEIRO, Djamila (coord.). **Feminismos Plurais**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

XUXA. Brincar de Índio. **Álbum Xou da Xuxa 3**. Postado no youtube m 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88R12RcZG2U>. Acesso em: 27 jul. 2021.